

A CHEGADA DO LIVRO ESPÍRITA NO MARANHÃO NO FIM DO SÉCULO XIX

Djalda Maracira Castelo Branco Muniz*

Introdução

Este trabalho cujo objeto de estudo é a chegada do livro espírita ao Maranhão no final do século XIX, trabalha também o contexto social da época, dando ênfase aos impactos nos meios de comunicação da época e seus efeitos na sociedade maranhense. Estudamos também a reação da sociedade e suas formas de resistências que foram de encontro à disseminação do livro espírita. Como o tema praticamente não foi estudado por outros pesquisadores da Biblioteconomia, despertou-nos o interesse em analisá-lo. Podemos dizer que sua história teve seu primórdio em 1857 quando foi publicado na França “O Livro dos Espíritos” sob autoria de Allan Kardec, famoso pseudônimo de Hypolite Leon Denizard Rivail, pedagogo, filósofo, escritor e cientista, criador do Espiritismo, doutrina de características científicas, filosóficas, e morais, seus conceitos básicos são: a existência de Deus, a preexistência e sobrevivência do espírito, a reencarnação, a evolução universal, a comunicabilidade dos espíritos e pluralidade dos mundos habitados (LARA, 2002, p. 2). Para entendermos o caráter científico do kardecismo evocamos ao esclarecimento de seu codificador que nos revela que

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. [...] O espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (KARDEC, 1997).

As condições históricas, culturais e psíquicas existentes no final do século XIX no Brasil criaram um contexto propício ao desenvolvimento dessa corrente de pensamento filosófico que constituiu em nosso país em um movimento religioso, segundo fatores de origem antropológica e sociológica. Os estudos existentes acerca da temática que envolve o espiritismo, podemos perceber que quase sempre, fixam-se

* Graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

apenas na organicidade do movimento espírita. Já o nosso estudo objetiva compreender a chegada do livro espírita no Maranhão e o contexto histórico-social que a disseminação deste livro enfrentou, além de entender como o livro espírita foi divulgado em nosso estado e a receptividade que encontrou.

A chegada do livro espírita ao Brasil

Metodologicamente fizemos uma análise bibliográfica de obras que tratam sobre a temática que nos dizem que “Por volta de 1860, O “Livro dos Espíritos” passa a fazer parte da bagagem de viajantes e imigrantes que aportavam no Brasil, vindos da França.” (GIUMBELLI, 1997, p. 56). Outra hipótese é a de que “[...] foram trazidas principalmente por franceses que moravam no Rio de Janeiro ou pessoas ricas e instruídas da alta sociedade que tinham contato com o estrangeiro [...]” (FERNANDES, 2008, p. 10). Nessa época a cultura do país se concentrava na Corte e recebeu grande influência francesa, por que os filhos da nobreza como era de costume, saíam do Brasil para estudar na França, quando retornavam traziam consigo novas ideias da Europa, que incluíram o espiritismo kardecista. Nesse contexto em que chegava o Livro espírita no Brasil também chegaram outras tantas correntes intelectuais. “Maciel Barros aponta três grupos que atuaram na intelectualidade brasileira durante a década de 1870.” (CARVALHO NETTO, 2011, p. 2) Uma corrente “cientificista” que era adepta do positivismo, evolucionismo e darwinismo social; uma liberal ligada ao republicanismo e abolicionismo; e uma conservadora ligada a Igreja Católica. O espiritismo se aproximou desses 3 grupos aliando se às causas republicanas e abolicionistas, mantendo diálogo com o cientificismo e se contrapondo aos dogmas católicos.

O Livro dos Espíritos foi traduzido pelo baiano, Luiz Olimpio Telles de Menezes, escritor, jornalista e estenógrafo, fundador do primeiro grupo espírita brasileiro, o Grupo Familiar de Espiritismo na Bahia, em 1866, e os outros livros pelo médico Joaquim Carlos Travassos, por volta de 1875. Há também registros de que no ano de 1844 o Marquês de Maricá editou um livro espírita que tratava dos primeiros ensinamentos com fundo espírita não kardecista divulgados no Brasil, esta obra era anterior aos estudos de Allan Kardec sobre mesas girantes (O REFORMADOR, 1944, p. 207). As ideias difundidas pelos livros espíritas articulavam-se principalmente entre a

classe social mais erudita do Brasil, motivo pelo qual muitos intelectuais se interessaram pelas ideias espíritas, incluindo o Imperador D. Pedro II, a Princesa Isabel e Machado de Assis.

A prática da doutrina espírita ficou proibida por força do Código Penal de 1890, onde no artigo 157, estabelecia o delito das práticas dos “médiuns receitistas”, tal restrição deveu-se aos médiuns que obtêm prescrições médicas da parte dos Espíritos. Por conta do meio médico que classificava a mediunidade uma espécie de transtorno mental do médium e pressionado pelo movimento dos médicos que queriam que o governo a combatesse essas práticas. No jornal A Gazetinha, do Rio de Janeiro, do dia 6/2/1896, p. 1, anuncia:

Não foi sem razão que no dia 19 de janeiro deste anno encetamos accerima campanha sobre esta seita religiosa, que se encobre cynicamente sob o aparato nome de SPIRITAS. Seita que acarreta comsigo uma grande numero de responsabilidade, visto a correntesa que toma, dia para dia; a onda cresce, se avoluma, arrebenta, vomitando do seio pejado de sombras um sem numero de victimas inconscientes.

Com isso observamos que a difusão do livro espírita no Brasil foi bastante conturbada, frente aos constantes ataques de criticas sofridos pelos adeptos da doutrina criada por Allan Kardec. Mas os adeptos do espiritismo mantiveram-se firmes e se organizaram para reagir

[...] ao que viam como uma contradição entre o Código Penal de 1890 e a Constituição de 1891. Sua reação foi também motivada por incursões policiais e judiciárias ao seu universo institucional. Essas incursões interpelavam as práticas terapêuticas que se desenvolveram com bastante força no espiritismo, desde seu ingresso no Brasil em meados do século XIX. A resposta dos porta-vozes espíritas aos ataques – em defesas judiciais, em manifestações na imprensa – enfatizou o enquadramento de suas práticas à noção de “religião” (GIUMBELLI, 1997, p. 84).

Com a estruturação do Movimento espírita no Brasil em 1884 e a fundação da Federação Espírita Brasileira, os ataques aos praticantes do espiritismo passaram a receber esclarecimentos na opinião pública, principalmente nos jornais de grande circulação. O doutor Bezerra de Menezes que escrevia uma coluna no jornal O Paiz, do Rio de Janeiro e dava respostas aos argumentos que objetivavam associar o espiritismo a transtornos mentais, motivou-se a escrever o livro “A loucura sob novo prisma” no fim do século XIX, tratando sobre a interferência em certos casos de loucura, de agentes espirituais com influência obsessiva sobre o encarnado.

Os membros da Federação Brasileira do espiritismo (FEB) empenharam-se em demonstrar a cientificidade da doutrina e separar a visão de fusão desta a outras práticas espiritualistas em uma mesma denominação consideravam não seria válida, pois segundo seus membros a doutrina kardecista teria arcabouço científico.

[...] Os escritores espíritas não cessam de chamar a atenção da ciência profana para uma ordem de fenômenos mal vistos a princípio por supostos sobrenaturais, porém, finalmente reconhecidos como obedecendo a outras leis cuja ação se verifica em planos superiores da natureza. Essa insistência, só por si, assinaria um caráter de inteira confiança nas bases sobre as quais se alçou o templo doutrinário filosofia trazida a Allan Kardec, pelos mensageiros de Além-túmulo. Mostra o desassombro dos novos crentes, instigando a análise implacável de suas opiniões aos luminares do oficialismo científico, ordinariamente bafejadas pelo aplauso incondicional da credulidade pública.

[...] Nisto, o Espiritismo difere em absoluto de todos os demais credos religiosos. Observando os adeptos das chamadas religiões positivas, notamos sem esforço, o horror mental que eles alimentam contra quaisquer tentativas de investigação raciocinada que possa atingir dogmas aceitos na infância por imposições educativas [...] (EVOLUÇÃO, 1937, p. 2).

Aqui os adeptos do espiritismo impõem um caráter cientificista a sua doutrina e esse seria o diferencial das outras crenças baseadas no espiritismo não kardecista, pois concebiam o espiritismo codificado por Kardec como racional, tentando se firmar como a união entre religião e ciência, fé e razão. Usando ciência espírita tentavam explicar segundo suas concepções, através de um método cientificista o experimentalismo e da razão, todos os mistérios da fé. Queriam explicar através do rigor científico as noções calcadas pelas ciências naturais para o campo religioso que na época eram a matéria protoplásmica, o magnetismo, os sintomas energéticos, entre outros conceitos. Muitos acreditavam que tudo isso não passava de falácias, fraudes e charlatanismo, por isso foi duramente combatido pela Igreja Católica e por outros intelectuais.

As obras espíritas impressas no Brasil

A principal fonte de divulgação do espiritismo no território nacional foi a literatura, a primeira obra impressa no Brasil foi o periódico “O Echos de Além-túmulo”, lançado na Bahia em 1865, e em 1860 o primeiro livro editado no país no Rio de Janeiro “Les temps sont arrivés” escrito por Casimir Lieutaud diretor do Colégio Francês, um dos mais renomados na Corte (STOLL, 2004). As primeiras obras espíritas nacionais foram publicadas quando Kardec escrevia ainda os seus principais títulos

doutrinários. A famosa Livraria Garnier, casa editorial do Rio de Janeiro, lançou “O livro dos Espíritos” em 1875. A reação da imprensa Nacional foi de repúdio à impressão e venda das obras kardecistas

Se nossos intelectuais eram racionalistas e céticos, o povo, ávido de soluções mágicas, esgotou rapidamente o livro. A prova está no fato de Garnier, que nunca jogava para perder, lançar (no mesmo) ano [...] mais duas obras de Kardec, O livro dos médiuns e O Céu e o Inferno” (MACHADO, 1983. p.117 apud STOLL, 2004. p. 50).

O jornalista João do Rio, surpreendeu-se com o campo editorial de destaque que se tornou o Brasil. Em seu depoimento em 1900, já circulavam no mundo 96 jornais e revistas espíritas; 56 deles editados na Europa e 19 no Brasil, posição que se manteve no século XX, com o fenômeno Chico Xavier.

O livro espírita no Maranhão

A igreja, os magistrados, a população, o clero, os jornais todos queriam saber sobre a doutrina que aqui chegava com pretensões de aqui ficar e de mudar o trato do povo brasileiro como, e, por conseguinte o maranhense, de lidar com a religião, apesar do nosso povo ter sofrido fortes influências de outras culturas, o espiritismo buscava também influenciar a nossa cultura.

O próprio século XIX foi de grandes transformações para o mundo, no Brasil não foi diferente. No início do século com a chega da família real portuguesa aproximou-se os lanços do Brasil com os costumes e ideais europeus. A independência em 1822, as campanhas pela república, o positivismo que dava o parecer sobre todas as questões que surgiam, lutas ideológicas que se acirraram durante o período, este era o perfil da sociedade brasileira que o Livro espírita encontrou.

Mas enfim, como teria se dado a chegada do Livro espírita no Maranhão? Não encontramos o registro de quem o trouxe ao nosso, mas deduzimos que tenha chegado através dos jovens estudantes e de intelectuais da alta sociedade maranhense que retornavam da Corte ou da Europa, em especial da França, trazendo consigo por volta de 1880 os ideais kardecistas, que irrompeu na sociedade maranhense amplamente católica, causando um furdunço digno de noticiário jornalístico como no impresso ludovicense “A Civilização” no ano de 1882, noticiando o que seria impacto dos livros espíritas e da sua prática em nosso estado

Censuram nos porque acreditamos seja o diabo uma realidade, quer as páginas do Evangelho e as da história de todos os povos; mas ele(a Pacotilha) se não crê no diabo, sabe ao menos que o Espiritismo é

coisa péssima e de perniciosos efeitos. Ao menos neste ponto estaremos d'acordo, isto é, que convém arredar o povo de tal pajelança; nós combatemos o espiritismo em seus efeitos – a loucura. (A CIVILIZAÇÃO, 10/jun./1882, grifo nosso).

Percebemos que a chegada livro espírita ao Maranhão e, por conseguinte, a doutrina espírita foi duramente criticada e sofreram ataques durante os últimos anos do século XIX, com as constantes repressões da Igreja Católica, porque estas práticas eram contrárias as doutrinas ordenadas pelo Vaticano, postura essa imposta no papado de Pio IX, conhecidas como ultramontanismo (CARVALHO NETTO, 2011) tratando o espiritismo pelo clero como loucura, charlatanismo, coisa do demônio e prejudicial ao cristão e a qualquer pessoa sã.

Considerações finais

A chegada do livro do espírita ao Maranhão se deve ao regresso de estudantes e de intelectuais da Corte e da Europa. Chegando aqui enfrentou a fúria da Igreja Católica e o preconceito de intelectuais que não concordaram com o caráter cientificista tão propagado pela corrente espírita. Mas a resistência dos adeptos da doutrina kardecista manteve viva os ideais e até os dias de hoje através da Federação Espírita Maranhense, muitas obras de escritores locais foram publicadas, mas estas estão situadas posteriormente a demarcação temporal do nosso estudo. Baseamo-nos nossa análise em notícias de jornais locais e principalmente em estudos sociológicos, antropológicos, históricos e principalmente em estudos feitos pelas próprias entidades espíritas nacionais que trabalham sobre o tema.

Entrevistamos dois membros da Federação Espírita Maranhense, entidade criada no ano de 1945, período posterior ao em que demarcamos a nossa pesquisa, o senhor Osmir diretor - da Federação Espírita do Maranhão - e dona Sonia - antiga funcionária da livraria FEMAR. Estes nos informaram que não há registro na entidade, do início da chegada do livro espírita, apenas relatos dos primeiros trabalhos de livraria da FEMAR. A falta de estudos na área de Biblioteconomia, sobre a nossa temática foi o grande entrave para a nossa discussão. Outra dificuldade foi a falta de registros claros nos jornais locais sobre a chegada do livro espírita, mesmo assim mantivemo-nos firmes nos impactos causados na sociedade maranhense, pois acreditamos que o livro veio para modificar, interagir e questionar o que está estabelecido na sociedade e sua ação pode

ser percebida pelos movimentos sociais decorrentes da leitura e esclarecimento de questões trazidas pelo livro seja ele de qualquer área do conhecimento.

Estamos convictos de que o nosso artigo irá despertar o interesse de outros pesquisadores, no limiar desse nova área de pesquisa da história do livro que precisa ser trabalhada. Algumas perguntas não foram respondidas, outras surgiram no decorrer do desenvolvimento do nosso trabalho, mas fugiram do nosso recorte temporal da pesquisa, mas acreditamos que merecem uma análise posterior em algum outro trabalho científico, ficam aqui sugeridas para quem se interessar e deseje trabalha-las mais tarde:

Como chegou o livro espírita ao maranhão? O início da livraria da FEMAR, como se deu? Como incentiva os escritores a publicarem obras espíritas locais? Quem foi o precursor da Livraria Femar, quem a idealizou? Quem foram os principais intelectuais que participaram da Federação? Como foi a aceitação da sociedade com relação a disseminação do livro espírita no fim do século XIX, houve repressão policial contra a venda dos livros espírita no fim do século XIX? A sociedade do maranhão se manifestou contra a Federação maranhense em algum momento?

Referências

A CIVILIZAÇÃO. São Luís: n.81-?, 4 mar./16 set.1882.

A GAZETINHA. Rio Grande do Sul: p.1, 6 fev. 1896.

CARVALHO NETTO, Carlos Alberto de. A ciência do Espírito: aspectos da identidade espírita no Maranhão. In: CARNEIRO, Gamaliel da Silva; FERRETI, Sergio Figueiredo; SANTOS, Lyndon de Araújo (Org.). **Religião & Religiosidades no Maranhão**. São Luís: EDUFMA. 2011.

EVOLUÇÃO. São Luís: ano 1, n. 4, maio. 1937.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no brasil de uma experiência (1850-1914)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília. Brasília. 2008.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1997.

KARDEC, Allan. **O que é espiritismo**. 38 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

LARA, Eugenio. **História ilustrada do espiritismo no Brasil**. São Vicente, CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita. 2002.

O REFORMADOR. **Libertação pelo Evangelho**. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Edusp/Orion. 2004.